

TALITA VERIDIANA HACK POLL

**AMBIGUIDADE LEXICAL EM TIRINHAS:
ANÁLISE DE ITENS LEXICAIS CAUSADORES DE MULTIPLICIDADE DE
SENTIDO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras
Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial
para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II, defendido em banca
examinadora em 10 / 11 / 2015.



Orientadora: Profa. Dra. Morgana Fabiola Cambrussi

Aprovado em: 10 / 11 / 15

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Leticia Lemos Gritti Lehmkuhl (UTFPR – Pato Branco)



Profa. Dra. Maria José Lainho (UFFS – Chapecó)



Prof. Dr. Eric Duarte Ferreira (UFFS – Chapecó/membro suplente)

Chapecó – SC, novembro de 2015

Ambiguidade lexical em tirinhas: análise de itens lexicais causadores de multiplicidade de sentido¹

Talita Veridiana Hack Poll²
talitaveridiana@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho analisa a ocorrência de ambiguidade lexical em textos do gênero tirinha, descrevendo os diferentes significados dos itens lexicais geradores do sentido ambíguo e, por fim, identificando e classificando cada caso como ocorrência de homonímia ou de polissemia. Segundo Trindade (2014), na homonímia, os diferentes sentidos da palavra ambígua não apresentam nenhuma relação, e, no caso da polissemia, é possível perceber a relação existente entre os diferentes significados de um mesmo item lexical. O desenvolvimento do trabalho se deu a partir da leitura do referencial teórico, discutindo sobre a ambiguidade lexical e os fenômenos englobados nela. Em seguida, fizemos uma contextualização a respeito do gênero textual estudado, e a análise e discussão das tirinhas selecionadas, classificando os casos de ambiguidade e os itens lexicais como sendo homônimos ou polissêmicos. Nosso material de análise foi retirado da Folha Online, periódico cujo acesso é livre e gratuito, onde diariamente são publicadas diversas tirinhas. O material foi coletado diariamente, no intervalo de um mês, e o critério inicial de seleção foi baseado no aparecimento ou não de ambiguidade enquanto recurso para o efeito de humor. Os resultados apontaram que o contexto narrativo próprio da tira e todos os recursos que caracterizam a produção desse gênero favorecem o emprego da polissemia como recurso de humor, e que esse fenômeno que se instaura em nível estrutural básico é um importante elemento para a construção da coerência global de tirinhas em que é empregado.

Palavras-chave: Polissemia. Homonímia. Gênero tirinha.

ABSTRACT: This paper analyses lexical ambiguity occurrence in comic texts and describes the different meanings from lexical items that generates ambiguity, and identify each case as occurrence homonymy or polysemy. According to Trindade (2014), in the homonymy, the different meaning words have no relationship, and in polysemy, it is possible to realize the relationship between different meanings even from lexical item. The development of this paper started from referential theoretical readings, discussing lexical ambiguity and phenomenon include on her. Then, we have contextualized gender text studied, the analyzed and discussed of the selected comics classifying the cases ambiguity and lexical items as homonymy or polysemy. Our analysis material sourced from Folha Online, free access periodic, where daily many comics are published. The analyzed material was collected daily, in the period of a month, and early criterion selection was based in appearance or not of ambiguity as resource to humour effect. The result pointed out that comic's narrative context and all resource that characterized the production of gender favour the use polysemy as humour resource, and that phenomenon found in a basic structural level is an important element from construction global coherence of comics wherein employed.

KEYWORDS: Polysemy. Homonymy. Gender comics.

Introdução

O presente trabalho objetiva a análise da ocorrência de ambiguidade lexical em textos do gênero tirinha. Esse gênero geralmente apresenta um texto de natureza híbrida, ou seja, mescla a linguagem verbal e a não-verbal. As tirinhas possuem um delimitado espaço

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora Profa. Dra. Morgana Fabíola Cambrussi.

² Acadêmica da 7ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

predominantemente horizontal, bem como balões e vinhetas para representar as falas dos personagens, essa interação entre ambas as linguagens produz o sentido objetivado no texto. Sendo assim, o hibridismo é parte fundamental para sua interpretação, pois as cores, os desenhos, as formas e todos os recursos utilizados são elementos essenciais para sua compreensão.

No que se refere à ambiguidade, Ilari e Geraldi (2006) afirmam que esta decorre da possibilidade de interpretações alternativas para uma sentença. Pode ocorrer por palavras que apresentam uma única forma e sentidos diferentes ou pela estrutura sintática das frases. Também há os casos em que as palavras nada têm em comum na escrita, mas se confundem na fala. Existem vários tipos de ambiguidade, conforme afirma Cançado (2008), entre os quais ambiguidade sintática, ambiguidade semântica, ambiguidade de escopo, e aquela que é foco deste estudo, a ambiguidade lexical.

Partindo do fenômeno linguístico semântico denominado ambiguidade lexical, buscamos detalhar os aspectos de significado de itens lexicais ambíguos empregados para a produção de efeito de humor em textos do gênero tirinha, classificando os casos de ambiguidade lexical (e os itens lexicais causadores da ambiguidade) entre homonímia ou polissemia. Segundo Ferraz (2014), na homonímia, os diferentes sentidos das palavras ambíguas não apresentam nenhuma relação, e no caso da polissemia, é possível perceber a relação existente entre os diferentes significados de um mesmo item lexical. Ademais, buscamos evidenciar aspectos microestruturais de natureza semântica que possam ser constitutivos do gênero estudado.

A proposta deste estudo é válida por sua análise do efeito de humor gerado por meio da ambiguidade lexical em tirinhas poder contribuir para que os leitores desse gênero compreendam com maior clareza o propósito comunicativo envolvido em sua produção e como a ambiguidade lexical empregada faz parte do atendimento a esse propósito.

Ao discutirmos a constituição e o propósito comunicativo de determinado gênero, é preciso lançar mão de uma importante distinção: entre macro e microestrutura. Segundo Lisboa (2003), a microestrutura diz respeito à coesão de elementos e segmentos entre as proposições, ou seja, é formada pelas distintas ideias, uma a uma, e também pelas relações lineares que se estabelecem entre elas, entre cada proposição em relação à antecedente e à conseqüente. As proposições, por sua vez, contêm como elementos o predicado e os argumentos, também elementos microestruturais. Já a macroestrutura de um texto é o conjunto de proposições (macroproposições) que serve para dar sentido, unidade e coerência global ao texto (LISBOA, 2003, p.13). Portanto, a macroestrutura refere-se à totalidade do texto, às partes mais gerais

como as subdivisões, tema, contexto de produção, enquanto a microestrutura refere-se às escolhas lexicais, emprego de recursos gramaticais, palavras e vinculações internas (MARCOLIN; MATTOS, 2009).

Partindo-se do pressuposto de que a tirinha favorece o aparecimento da ambiguidade lexical, este trabalho contribui para a evidência de como aspectos microestruturais são marcados na composição do gênero. Em geral, a macroestrutura tem ganhado destaque na investigação de gêneros textuais, mas consideramos que há carência de estudos que apontem como a microestrutura em seus aspectos semânticos é constitutiva de gêneros como a tirinha. Com o olhar voltado para os textos em si, é possível que o gênero seja entendido além do seu contexto global, lançando uma reflexão acerca da linguagem empregada, essencialmente sobre os fenômenos microestruturais registrados que respondem pela homonímia e pela polissemia. Além disso, não encontramos trabalhos realizados acerca da ambiguidade lexical em textos do gênero que investigamos.

Nossa hipótese é de que o cunho humorístico e a associação entre linguagem verbal e não-verbal permitem ao gênero tirinha apresentar um contexto bastante propício ao aparecimento da ambiguidade lexical como recurso para a produção de efeitos de sentido, como a ironia e o sarcasmo, ambos proeminentes em textos de crítica indireta e de humor. Ainda, temos uma hipótese complementar de que, na maioria dos casos, a ambiguidade lexical será polissêmica, tendo em vista o fato de a polissemia ser um tipo de ambiguidade complementar, o que favorece seu emprego em certos jogos de linguagem, diferentemente da homonímia, que é um tipo de ambiguidade contrastiva.

O trabalho está organizado em três seções, sendo que, na primeira, discutimos acerca da ambiguidade e da vagueza, fenômenos que por vezes podem ser confundidos entre si. Também discutimos a ambiguidade lexical e os fenômenos homonímia e polissemia. Na segunda seção fizemos uma contextualização sobre gêneros e tipologia textual, sobre a tirinha especificamente, e seus aspectos micro e macroestruturais. Na terceira seção discutimos e analisamos as tirinhas selecionadas para esse estudo, classificando os casos de ambiguidade e os itens lexicais como sendo homônimos ou polissêmicos, e pertencentes ou não à microestrutura textual. Ao final, são apresentados os resultados, sistematizados pelas considerações finais do trabalho.

Para dar sustentação ao trabalho, usamos das contribuições realizadas por autores da literatura semântica acerca da ambiguidade lexical e dos fenômenos que a envolvem, como Chierchia (2008), Ferraz (2014), Ilari e Galdi (2006), Ilari (2010), Cançado (2008). Também fundamentamos o trabalho a partir de Koch e Elias (2009a; 2009b), Marcuschi (2010) e Bakhtin

(2003) no que se refere aos gêneros textuais, entre outros trabalhos que deram o aporte teórico necessário para o desenvolvimento desta pesquisa.

1 Ambiguidade e vagueza

A ambiguidade, conforme Ferraz (2014), é característica de enunciados que são construídos de forma que apresentem mais de um sentido. A autora também afirma que a ambiguidade pode ser vista dentro do quadro de indeterminação dos sentidos e que entre esses processos de indeterminação estão presentes os fenômenos polissemia, homonímia e vagueza. Chierchia (2008, p.224) afirma que todas as expressões da língua comportam uma área de vagueza, mesmo expressões bem definidas, ou seja, todas as expressões da língua apresentam uma vagueza de sentido. Portanto, ao discutirmos a ambiguidade, não podemos deixar de discorrer acerca da vagueza, até porque, muitas vezes, essas são confundidas entre si.

A vagueza, segundo Ferraz (2014), ocorre quando um termo, por ser muito amplo, apresenta limites duvidosos de sentido. Em Ilari (2010, p.201), define-se que uma palavra é vaga quando não existe um sentido único e seguro para aplicá-la a determinado objeto. Como exemplificado pela palavra *alto*, em que o autor sustenta que, para estabelecer o sentido para o referido item lexical, certamente pensaremos em um tipo específico de objetos, como em um prédio alto que mede mais que uma árvore alta. E, mesmo que pensemos em um tipo específico, como em todos os seres humanos, para distinguir todos os seres humanos altos, precisamos tomar uma decisão, especificando se as pessoas altas são as que medem 1,80m, ou 1,90m, assim por diante. De modo geral, na vagueza, o contexto pode selecionar informações que não estão especificadas no sentido, e na ambiguidade, o contexto especificará qual o sentido a ser selecionado (CANÇADO, 2008).

Ilari (2010) apresenta alguns exercícios para reflexão acerca da vagueza. Tomamos como exemplo para essa discussão a seguinte pergunta: “Quantos socos são necessários para dar uma surra em alguém?” (ILARI, 2010, p.204).

(a) João tomou uma surra.

(b) João tomou uma surra, foram 17 socos.

Quando alguém faz uma afirmação como em (a), não sabemos quantos socos João recebeu, por isso podemos dizer que a expressão “João tomou uma surra.” é vaga. Entretanto, se alguém disser algo como (b), o contexto da sentença especifica que João tomou uma surra, pois 17 é um número grande de socos. Mas se João tivesse recebido dois ou três socos apenas, seria uma surra? Provavelmente não, pois, ao pensarmos em surra, decidimos que o indivíduo

“precisa ser espancado” para que se caracterize uma surra. Como visto, na vagueza, o contexto da sentença apresenta informações que não estão no sentido do item lexical.

A partir dessas concepções de ambiguidade e vagueza, muitos teóricos propõem testes que tornam possível a determinação de cada caso, mas não vamos nos deter nessa distinção, pois não é esse o foco do trabalho.

Ainda sobre o fenômeno semântico denominado ambiguidade, a literatura semântica especifica que há vários tipos, a ambiguidade sintática³, a ambiguidade semântica⁴ a ambiguidade de escopo⁵ e a ambiguidade lexical⁶. No item a seguir, discutiremos sobre a ambiguidade lexical, que investigamos neste trabalho, e os fenômenos que a constituem.

1.1 Ambiguidade lexical

Referindo-se à duplicidade de sentidos, Ilari e Geraldi (2006) afirmam que, quando compartilham propriedades ambíguas, as palavras/frases admitem interpretações alternativas. No caso da ambiguidade lexical, essa ocorre quando um item lexical apresenta mais de um sentido ou quando há certa identidade de forma entre itens lexicais distintos, cuja significação é também distinta. Esse fenômeno pode ser gerado a partir da homonímia ou da polissemia, sendo que ambas fazem parte do quadro de indeterminação de sentidos, como detalharemos a seguir.

1.2 Homonímia

Segundo Cançado (2008), a homonímia ocorre quando há mais de um sentido para uma palavra ambígua e esses sentidos não possuem relação entre si. A autora explica que existem as

³A ambiguidade sintática é a que ocorre devido à formação estrutural das sentenças, ou seja, pela possibilidade de interpretações diferenciadas que ocorrem ao mudarmos as relações entre os sintagmas que constituem uma sentença. Exemplo: Alugo apartamentos e casas de veraneio. Nesse exemplo há duas interpretações possíveis. Os apartamentos e as casas são de veraneio, ou, aluga-se apartamentos comuns e casas que são para veraneio. (CANÇADO, 2008, p.68)

⁴ A ambiguidade semântica é relacionada à correferencialidade, sendo gerada pelo fato de os pronomes poderem ter mais de um antecedente. Exemplo: José falou com seu irmão? Aqui também temos duas interpretações possíveis. O falante quer saber se José falou com o irmão de José, ou, se José falou com o irmão de quem escuta. (ibid., p.70)

⁵ A ambiguidade de escopo ocorre devido à estrutura semântica da sentença, sempre envolvendo a ideia de distribuição coletiva ou individual. Exemplo: Todo mundo ama uma pessoa. Nesse caso pode-se entender que todos amam a mesma pessoa ou que cada pessoa ama uma pessoa diferente. (ibid., p.69)

⁶ A ambiguidade lexical pode ser gerada por dois fenômenos, a polissemia e a homonímia, e será discutida em detalhe neste texto. (ibid., p.63)

palavras homógrafas e as homófonas. As palavras homógrafas são as que possuem a mesma grafia, porém sua pronúncia e seus sentidos são distintos. Já as palavras homófonas são as que possuem sentidos distintos para o mesmo som e grafias diferentes. Observem-se os exemplos:

- (1) pata: - fêmea do pato
 - pé de animal

Em (1), temos uma homonímia perfeita, pois *pata* fêmea do pato e *pata* pé de animal são homógrafas e homófonas. São homônimos porque compartilham formas gráfica e fonológica, mas os significados não possuem nenhuma relação, ou seja, são dois significados completamente distintos. *Pata* fêmea do pato significa que existe um animal fêmea denominado pata, e *pata* pé de animal significa a parte inferior da perna que assenta no chão. Há identidade de categoria morfológica, pois ambos são substantivos, mas nenhuma relação semântica entre os dois significados de *pata*. Em (2), observa-se outro tipo de relação:

- (2) sexta/cesta

Nesse caso, temos uma homofonia, pois, embora tenham a mesma forma fonológica, *sexta/cesta* não possuem mesma grafia. É um caso de homonímia porque os significados não são relacionados. O primeiro significado está em *sexta* e referir-se ao sexto dia da semana – sexta-feira, por exemplo, e o segundo significado está sobre o item lexical *cesta* podendo significar utensílio para transportar/guardar objetos, etc. Percebemos então que há apenas um caso de coincidência fonológica entre duas palavras distintas, as quais possuem identidade de categoria, pois ambos são substantivos, mas nenhuma relação de conteúdo semântico.

- (3) colher: -utensílio doméstico
 -verbo que denota a ação de colheita

Neste caso, temos homografia, pois os itens lexicais em (3) possuem mesma forma gráfica, só que pronúncia distinta. O exemplo (3) é uma homonímia porque os significados não são relacionados, ou seja, não há acepção básica que possa ser recuperada entre o significado do substantivo *colher*, utensílio doméstico, e *colher* verbo, além da própria diferença de categoria substantivo/verbo. Vejamos outro exemplo a seguir:

- (4) tira: - pedaço de pano
 - policial

Percebemos que entre *tira* pedaço de pano e *tira* policial há apenas uma equivalência entre imagem acústica e grafia. Os significados das palavras exemplificadas são completamente distintos e não vemos acepções básicas que sejam compartilhadas entre o conteúdo semântico de *tira* pedaço de pano e *tira* policial, ou seja, sem inter-relação de sentido, temos um claro caso de homonímia de significado. Ambas possuem identidade de categoria, pois são substantivos, e uma coincidência de formas gráfica e fonológica, constituindo mais um caso de homonímia perfeita.

1.3 Polissemia

Sobre a polissemia, Cançado (2008) afirma que ocorre quando os possíveis sentidos da palavra ambígua apresentam alguma relação entre si, ou seja, as palavras polissêmicas não são uma coincidência de formas, mas casos em que diferentes significados podem ser atribuídos a um mesmo item lexical e esses significados estão relacionados por acepções básicas. Convém ressaltar que nem todos os significados das palavras estão dicionarizados, como em casos de usos de expressões ou palavras em situações de falas mais populares/coloquiais. Perceberemos isso nas análises realizadas nesse trabalho, onde encontraremos significados desses tipos.

Seguindo essa lógica de que, no caso da polissemia, há mais de um sentido em uma única forma, Ferraz (2014) cita o exemplo de *igreja*, que pode apresentar pelo menos três sentidos: espaço físico, instituição religiosa e grupo de pessoas que fazem parte da instituição.

- (5) O chão da *igreja* está sujo.
(6) A *Igreja* Católica existe há muito tempo.
(7) A *igreja* segue unida.

Em (5), o sentido da palavra está em igreja como espaço físico, pois se sabe que *chão da igreja* refere-se a uma parte do edifício. Em (6), o sentido está em igreja como instituição, pois, ao lermos, identificamos que *igreja católica* refere-se à igreja no sentido de organização religiosa. Em (7), *igreja* refere-se ao grupo de pessoas que fazem parte da instituição, pois, ao lermos a sentença, identificamos que *igreja unida* faz referência a sentimentos como união e

harmonia, e esses sentimentos referem-se às pessoas que fazem parte da organização religiosa.

A partir dos exemplos acima, identifica-se que, nos três usos do item lexical *igreja*, o sentido é especificado pelo contexto da sentença. E, nos três exemplos, podemos recuperar um sentido básico existente entre as palavras, que é o de “igreja como instituição religiosa”, o que caracteriza o fenômeno polissêmico existente: em (5), *igreja*: “solo/piso (da instituição religiosa)”; em (6), *igreja*: “instituição/organização religiosa”; em (7), *igreja*: comunidade religiosa formada por pessoas que são unidas pela mesma fé.

Outro caso interessante de polissemia registra-se com o item lexical *tira*, apresentado como homonímia na seção anterior. Segundo o dicionário Silveira Bueno (2007), *tira* é um pedaço de pano, papel etc., mais comprido que largo. Agora pensemos na *tirinha*, objeto de análise deste trabalho. A *tirinha* é um gênero textual, em que se narra uma história em uma *tira de história em quadrinhos*. Percebemos, pois, que, ao significante *tira*, podemos atribuir outros significados como *tira de história em quadrinhos* (*tirinha*), pois, ao pensarmos em uma *tira*, nos vem à mente a acepção básica de que é algo mais comprido do que largo. Assim, há sentidos da palavra *tira* que possuem relações básicas entre si. Apesar de *tirinha* estar no diminutivo, ainda sim é uma *tira*, como também é o caso de uma tira (*tirinha*) de tecido, tira (*tirinha*) de papel etc. No caso da *tirinha* gênero textual, uma de suas características é seu formato retangular, ou seja, mais comprido que largo, o que evidencia a relação polissêmica existente entre as palavras *tira* (de texto) e *tira* (de pano), por exemplo. No item a seguir discorreremos acerca dos gêneros textuais e de seus aspectos micro e macroestruturais constituintes

2 Gêneros textuais: aspectos micro e macroestruturais

Os gêneros textuais, segundo Marcuschi (2010), contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. Koch e Elias (2009a) afirmam que a fala e a escrita baseiam-se em formas padrão e relativamente estáveis de estruturação. Entre os gêneros textuais podemos citar a carta, o poema, o artigo, a receita, a reportagem, o cardápio, a *tirinha* (objeto de nosso estudo e que discutiremos mais adiante), entre tantos outros.

Conforme Koch e Elias (2009a), todo gênero é marcado por sua esfera de atuação que promove modos específicos de combinar conteúdo temático, propósito comunicativo, estilo e composição. Na perspectiva de Bakhtin (2003)⁷, o emprego da língua efetua-se na forma de enunciados que refletem as condições específicas de cada campo da comunicação, são o

⁷ Os autores aqui citados ancoram-se nas teorias de Bakhtin, o primeiro a falar das questões de “estilo, composição e conteúdo temático”.

conteúdo temático, composição e estilo. Esses elementos estão intrinsecamente ligados no todo do enunciado. A composição refere-se à estruturação e aspectos formais do gênero, o conteúdo temático diz respeito aos propósitos comunicativos do autor em relação ao assunto abordado e o estilo, refere-se ao modo de apresentação do conteúdo (formal, informal) por meio da seleção de “recursos fraseológicos, lexicais e gramaticais” (BAKHTIN, 2003, p.261). Sendo assim, todo gênero possui uma finalidade específica, como é o caso do artigo de opinião, em que geralmente se exigem características mais formais, ou da tirinha, em que o espaço textual é menor, mas em que há forte expressão do trabalho do autor por apresentar um grau maior de informalidade. (KOCH ; ELIAS, 2009a, p.110).

Bronckart (2005) assegura que, ao produzirmos um texto, há um conjunto de parâmetros que podem exercer influências sobre sua organização, os quais são referentes ao mundo físico e ao mundo social e subjetivo, é o que o autor chama de *contexto de produção*. Ao mundo físico atribui-se o lugar e o momento de produção, o receptor e o emissor; e ao contexto socio-subjetivo atribui-se o lugar social, a posição social do emissor e do receptor e o objetivo (qual o ponto de vista do enunciador e o efeito produzido pelo texto no destinatário).

Sobre a especificação de composição de cada gênero, Koch e Elias (2009b) assumem que esse aspecto é bastante particularizante e exemplificam que, em um cartão postal, por exemplo, sobressaem-se em sua composição os elementos: destinatário, saudação inicial, mensagem, saudação final e assinatura. O conteúdo temático diz respeito ao tema esperado no tipo de produção; e o estilo está vinculado ao tema e ao conteúdo. As autoras sustentam ainda que é importante a distinção de gênero e tipo textual, sendo que os gêneros são formados por sequências diferenciadas denominadas tipos textuais. Marcuschi (2010) afirma que, quando se nomeia um texto como "narrativo", "descritivo" ou "argumentativo", não se está nomeando o gênero e sim o predomínio de um tipo de sequência de base. O autor afirma também que, entre as características básicas dos tipos textuais, está o fato de eles serem definidos por seus traços linguísticos predominantes; um tipo textual é dado por um conjunto de traços que formam uma sequência e não um texto.⁸

Definidos os gêneros, adentramos à estrutura textual, que se refere à organização do texto propriamente dita. Silva (1999), ao discutir a superestrutura do texto, afirma que ela reporta a modelos abstratos constituídos por uma série de partes, algumas obrigatórias, outras

⁸ Além dessas distinções, Marcuschi (2010) assegura que é preciso que se tenha cuidado para que não haja confusão entre *texto* e *discurso*, mas, neste trabalho, tomaremos esses termos como intercambiáveis em razão de não termos condições de especificar essas questões, as quais não são centrais para a pesquisa. Do mesmo modo, não nos deteremos na distinção entre gêneros textuais e gêneros discursivos, muito embora reconheçamos a relevância dessas questões.

optativas, que se organizam, determinando os arranjos (macroproposições) possíveis para estruturar o conteúdo informativo do texto. Existem as propriedades internas à constituição do texto, (microestrutura) e o esquema global (macroestrutura). Koch e Elias (2009b, p.63), afirmam que as superestruturas (equivalente à macroestrutura) mais estudadas são a narrativa, a descritiva, a expositiva e a argumentativa.

Já Antunes (1996) considera que a microestrutura refere-se ao nível local, às frases ou às sequências, e a macroestrutura ao nível global, aos fragmentos maiores do texto. A autora afirma também que essa definição vai além de organizar as partes do texto (macroestrutura), e organizar as partes da frase (microestrutura), mas que ambas compõem um eixo, e ao final devem ajustar-se e integrar-se de forma a resultar em um conjunto unificado.

Ainda, conforme Antunes, a organização do texto impõe exigências de continuidade. A autora explica que o que se enuncia num dado momento prepara o que vai ser enunciado em seguida, caracterizando a prospecção do texto, e que o sentido global pretendido para o texto é que orienta e sustenta sua organização.

Silva e da Silva (2009), em uma concepção um pouco distinta, ressaltam que a macroestrutura refere-se à coerência e a microestrutura refere-se à coesão. Os autores expõem que a coerência global, ou seja, a macroestrutura, está direcionada ao sentido do todo textual, estabelecendo o modo em que são organizadas as informações no texto, levando em conta a progressão temática, o grau de informatividade, a contextualidade e a lógica argumentativa. E a microestrutura textual, ou seja, a coesão, é estabelecida por meio de mecanismos articuladores, formados por (conjunções, preposições, diversos tipos de conectivos, operadores argumentativos), que são fundamentais para a textualidade. A coesão ocorre a partir da ligação das ideias, o que é fundamental para a compreensão e a progressão do texto.

Posto isso, compreendemos que os elementos macroestruturais do texto são aqueles fundamentais para a harmonia textual (a progressão temática, a lógica argumentativa), a exemplo do título que sugere ao leitor o assunto/tema que será abordado no texto e questões mais abrangentes, como a coerência interna e a externa do texto. Sobre a microestrutura, entendemos que é formada pela coesão dos elementos textuais, motivada por conectivos que estabelecem a ligação das ideias, entre proposições antecedentes e consequentes, possibilitando a progressão textual. Além disso, questões como léxico e composição de predicados também fazem parte da microestrutura, assim como o emprego de recursos gramaticais específicos.

2.1 Tirinhas

Conforme Moterani e Menegassi (2010), as tirinhas são predominantemente divididas horizontalmente com um número limitado de quadrinhos; formadas por balões que representam a fala, o pensamento, ou seja, as expressões dos personagens. Quanto à estilística, a linguagem informal é bastante utilizada. Também afirmam que algumas tirinhas apresentam o uso de cores e de cenários, o que chama mais a atenção e facilita a compreensão e a visualização da obra pelos leitores. Concluem que o conteúdo temático das tirinhas em quadrinhos apresenta inúmeras possibilidades, sendo frequentemente humorístico, mas também pode apresentar histórias de super-heróis até as que abordam o contexto político e econômico mundial, sendo que o tema determinado depende da finalidade, dos objetivos e dos interlocutores a que o autor objetiva atingir.

Em Pessoa e Maia (2012), afirma-se que as tirinhas buscam representar as cenas que narram, de maneira estática, através de imagens e textos, as ações, gestos, emoções, falas, entonações etc. que compõem uma história. Para produzir todos esses efeitos de sentido, o autor se utiliza de recursos visuais como a fonte, as cores, os traços que marcam tempo e movimento, os balões etc.

Ramos (2009) expõe que as tirinhas se assemelham às piadas (anedotas) devido à presença do humor que é a sua principal característica. Além disso, a tirinha se apresenta ao leitor em um texto curto, no formato retangular, vertical ou horizontal, com um ou mais quadrinhos, diálogos curtos, recursos icônico-verbais próprios (como balões, onomatopeias, metáforas visuais, figuras cinéticas etc), personagens fixos ou não e desfecho inesperado, sendo que este último é que desencadeia o efeito de humor. Podemos observar algumas dessas características na tirinha a seguir, do personagem Garfield:



Disponível em: http://4.bp.blogspot.com/_M1q0ZdBQjFU/S5N9JUyRrVI/AAAAAAAAA5M/YQryUmsm1A/s1600-h/garfield_05.png. Acessado em: 25 nov. 2015.

Segundo Ramos (2009), vários autores veem nos quadrinhos uma linguagem autônoma, o que encerra a discussão de que seriam um ramo da literatura. Percebemos a linguagem autônoma dos quadrinhos⁹ em Borges (2001) quando afirma que a história em quadrinhos introduziu uma nova forma de narrativa que tem como ponto principal a união de duas linguagens, uma não-verbal e outra verbal, o que lhe confere um grande potencial criativo e comunicativo. Essa união das duas linguagens é o que chamamos de linguagem híbrida. A imagem nos quadrinhos, assumindo o papel de linguagem, pode ser interpretada e adquirir sentidos dentro do contexto social em que se encontra inserida. (BORGES, 2001). Compreendemos, pois, que, nas tirinhas, essa união de linguagem verbal e não-verbal forma a mensagem global.

Conforme Borges (2001), a mensagem linguística da história em quadrinhos compreende um aspecto narrativo, no qual é feita a descrição do quadro, da situação ou das ações e a forma de diálogo. Para alcançar o objetivado, que é representar um diálogo ou ações cotidianas, a linguagem dos quadrinhos usa de diferentes recursos e procedimentos, explorando com originalidade os códigos verbais e não-verbais específicos inerentes a esse tipo de narrativa, tais como: o balão, símbolos (ideogramas e pictogramas), sinais de pontuação e as onomatopeias (BORGES, 2001).

Borges (2001) afirma ainda que, no código das histórias em quadrinhos, os símbolos permitem uma inovação constante nos meios de expressão gráfica, ampliando a dimensão estética e informativa dos quadrinhos. No código icônico ou não-verbal da história em quadrinhos, temos a imagem, o espaço, as cores e a distribuição de planos, que, trabalhados em conjunto, constituem a mensagem. Quanto maior for a originalidade e a criatividade do desenhista na composição desses códigos, maior será a carga expressiva e comunicativa da mensagem.

2.2 Gênero tirinha e seus elementos macroestruturais

O gênero tirinha, como já discutimos, é um gênero híbrido que utiliza das linguagens verbal e não-verbal na sua constituição. Entre os elementos macroestruturais que o compõem, estão o *tipo textual narrativo*, que geralmente apresenta. O *tipo textual narrativo* faz parte do nível global, pois é formado por um conjunto de traços narrativos, que são o enredo da história,

⁹ Ramos (2009) afirma que se aplica a noção de hipergênero às histórias em quadrinhos, pois abarcam outros gêneros que compartilham das mesmas características, porém, com suas individualidades (charge, cartum etc.). Portanto, consideramos a tirinha como um gênero textual que surge do hipergênero história em quadrinhos.

os personagens o tempo e o espaço, podendo apresentar também narrador. O título – quando houver, pois há tirinhas que não apresentam título - e o autor também são elementos macroestruturais, pois são externos ao texto. O título porque informa ao interlocutor o tema/assunto que será abordado na obra, situando o leitor em relação à temática do texto.

O autor é um elemento macroestrutural. Tomamos como exemplo o autor argentino Quino, criador da personagem Mafalda, menina de seis anos. Ao pensarmos em Quino, ou na própria Mafalda, pensamos no estilo de tirinhas que o autor escreve. Se em uma determinada situação alguém citar o autor “Quino”, provavelmente ativaremos nosso conhecimento prévio – se houver – de que Quino escreve tirinhas da personagem Mafalda e que esta é uma menina irônica e que vê o mundo não como uma criança normal, mas que questiona a sociedade, a política, como um adulto faria, e não como uma criança.

Entre os elementos não-verbais (da macroestrutura), podemos citar ainda o personagem. Exemplificamos a partir da tirinha abaixo, do personagem Cascão, da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa. A Turma da Mônica é muito conhecida no cenário nacional, podemos até arriscar dizendo que grande parte da população brasileira conhece a Turma e os seus personagens. A partir do conhecimento prévio que temos sobre a Turma da Mônica, o que será essencial para a compreensão da tirinha abaixo, ativaremos em nossa mente o que sabemos sobre o Cascão: o menino que não gosta de banho. Nesse caso, o personagem como elemento macroestrutural remete ao tema/assunto que será tratado na tirinha.



Disponível em: http://1.bp.blogspot.com/-TY90d2m3lks/T_jpGMaiEMI/AAAAAAAAAJ-g/QmCR-ZG36UA/s1600/tirinha+turma+da+monica35.gif, acessado em: 22 de maio de 2015.

Ao fazermos a leitura da imagem, no primeiro quadrinho vemos que o personagem é o Cascão da Turma da Mônica, logo, nos vem à mente o menino que não gosta de banho. Ainda no primeiro quadrinho vemos que está em situação de perigo, a chamar por ajuda. Cascão está em um penhasco, pendurado por um galho, o que fica evidente por suas pernas balançando no ar. O desespero do personagem é representado pelo balão com ondulações, pelos sinais gráficos

escritos em caixa alta, (SOCORRO... SOCORRO!!), enfatizados pelo negrito, e pelo uso de exclamações. Todos esses elementos corroboram para evidenciar os gritos de desespero, informando a situação de perigo em que o personagem se encontra. A face do personagem também representa o desespero dele por estar em determinada situação. Também os elementos que são responsáveis por dar o tom ao texto, como a onomatopeia (CABRUM), os gritos (SOCORRO... SOCORRO!!) do personagem Cascão, tratam-se de elementos suprasegmentais, que existem na marca oral como pausas, palavras que nos apoiamos como ehhh, hmmm, né, o tom de voz, e na marca escrita aparecem como letras de tamanhos e cores diferentes, disposição do texto e etc., esses elementos encontram-se com frequência na linguagem dos quadrinhos.

Como visto, no primeiro quadrinho mapeamos o local em que a cena acontece. No segundo quadrinho, a onomatopeia (elemento microestrutural) que imita som de trovoadas traz para a história o real motivo do desespero do menino: vai chover e ele vai se molhar, e como sabemos, o Cascão odeia tomar banho. O desfecho do humor acontece no último quadrinho em que o Cebolinha – outro personagem da Turma da Mônica – aparece para salvá-lo, entregando a ele um guarda-chuva. O Cascão agradece e notamos na sua expressão facial o alívio, está a salvo, pois não vai se molhar.

Podemos então considerar que o personagem, nesse caso, é um elemento externo ao texto, e isso se dá devido ao conhecimento compartilhado existentes entre autor e interlocutor, já que o leitor pode pressupor, de certa forma, o que acontecerá. A principal característica do Cascão é sua aversão à água, e essa informação é fundamental para que o leitor compreenda de fato a tira, em que a água iminente é o pior dos perigos para o personagem. A chuva, o aparecimento do Cebolinha, o galho, o penhasco, nesse contexto são elementos microestruturais, sobre os quais discorreremos a seguir.

2.3 Gênero tirinha e seus elementos microestruturais

Tomando como ponto de partida para essa discussão a afirmação de Ramos (2007, p.319), de que a “leitura de uma história em quadrinhos é automática. Observa-se a figura, leem-se os elementos verbais, mudamos de quadrinho”, adentramos aos elementos microestruturais, que, conforme Silva e da Silva (2009), referem-se à coesão do texto. Refletindo sobre a afirmação de Ramos e sobre os aspectos coesivos, concluímos que a leitura das tirinhas se dá a partir de uma conexão natural e solidária entre os elementos que a constituem.

Sobre a microestrutura, entendemos que é formada pela coesão dos elementos textuais, que estabelecem a ligação das ideias, entre proposições antecedentes e consequentes. Entre os elementos microestruturais constituintes do gênero tirinha estão as frases, as falas e as relações estabelecidas entre as palavras, pois essas partes distintas contribuem para a continuidade do texto.

Os balões nas tirinhas são elementos de nível microestrutural, pois a forma pode designar a função do balão, podendo representar o pensamento, gritos (como vimos no item anterior) e variadas expressões. A própria linguagem utilizada no gênero, como a seleção lexical, também é um elemento da microestrutura, pois o autor pode utilizar a linguagem para fazer referência a determinado regionalismo ou classe social etc. As expressões corporais dos personagens também são elementos micro, pois são um efeito de sentido que pode representar o estado do personagem (alegre, triste, cansado etc.), também as onomatopeias são efeitos de sentido e podem representar o som de um avião caindo ou de um estômago faminto, ou som de trovão como vimos no exemplo do item anterior. Analisemos os elementos microestruturais da tirinha a seguir:



Disponível em: http://profhelenae5ano.blogspot.com.br/2010/11/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x_9904.html Acesso em: 24 de Maio de 2015.

Primeiramente, observemos que a tirinha acima é formada por três quadrinhos. Cada quadrinho é uma parte distinta, sendo assim, os três juntos, formam a macroestrutura textual, e, analisando – os individualmente, depreendemos que cada um é um elemento microestrutural que pode ser detalhado.

No primeiro quadrinho, temos a imagem do Cebolinha, personagem da Turma da Mônica. Cebolinha está andando pela rua, assoviando, tranquilamente, vestido e equipado como um artista plástico. Percebemos, pois, que os elementos não-verbais como a caminhada, o semblante despreocupado do menino, os pincéis, a paleta de tintas, são elementos microestruturais, que juntos contribuem para a percepção do interlocutor de que, nessa história,

Cebolinha é um pintor.

No segundo quadrinho, entra em cena a Mônica. Os balões com suas respectivas falas denotam uma agradável e empolgante proposta feita por Cebolinha e aceita por Mônica: Cebolinha quer pintá-la. Os dois personagens, no segundo quadrinho, ficam empolgados, Cebolinha por encontrar Mônica, e ela pela interessante ideia de ele querer pintá-la. No terceiro e último quadrinho é que o desfecho do humor acontece, pois se pensava que Cebolinha retrataria Mônica em tela, e não que ela seria a própria tela. A face da menina e o sinal gráfico acima da sua cabeça remetem à estúpida e infeliz ideia de Cebolinha.

Podemos perceber também o uso da ambiguidade como efeito de humor no segundo quadrinho: “Mônica! posso te pintar?”. Nesse caso, há ambiguidade de papel temático¹⁰, pois, nas interpretações disponíveis, Mônica tanto pode ser entendida como Objetivo quanto como Locativo; no primeiro caso, o papel temático de Objetivo se aplica à leitura de Mônica como objeto a ser retratado; no segundo caso, o papel temático de Locativo se aplica à leitura de Mônica como localidade/superfície para a qual a tinta será deslocada e sobre a qual será espalhada.

Outro aspecto importante a considerar é o fato de que geralmente Cebolinha “apronta” algum tipo de travessura para irritar a menina, como chamá-la de baixinha, dentuça etc. Nesse caso, temos o menino fazendo uma travessura, para irritá-la, portanto, a relação “Mônica e Cebolinha” pode ser considerada elemento macroestrutural, pois é externa ao texto específico.

Nas tirinhas analisadas nesta pesquisa, cabe ressaltar, em que o efeito de humor é gerado a partir da ambiguidade lexical, como prevê nossa hipótese, o uso das linguagens não-verbal + verbal é de fundamental importância para a interpretação do texto e para a geração da ambiguidade, pois se acredita que o uso do hibridismo pode ser o responsável por representar as relações de ambiguidade na tirinha, mantendo-se o efeito de humor. Portanto, consideraremos a ambiguidade lexical como elemento pertencente ao nível microestrutural do gênero estudado.

3 Análise de textos do gênero tirinha

Os textos analisados nesta seção foram coletados e selecionados dentre todas as tirinhas publicadas durante o mês de março de 2015, no periódico Folha Online. De um total de 208

¹⁰ A ambiguidade de papéis temáticos ocorre quando um mesmo verbo atribui diferentes papéis temáticos para um mesmo argumento. No caso da tirinha da turma da Mônica, Mônica apresenta o papel temático de Objetivo em que é entendida como objeto a ser retratado; ou o papel temático de Locativo, sendo entendida como localidade/superfície para a qual a tinta será deslocada e sobre a qual será espalhada.

tiras, 13 se repetiram em dias alternados, e também, em dois dias ao longo do mês não houve nenhuma publicação do gênero. Esse material foi classificado utilizando-se como critério o aparecimento de ambiguidade, que estava presente em 30 tirinhas. Entre essas, 28 tiras apresentaram ambiguidade lexical, 1 tira apresentou ambiguidade lexical e referencial, e ainda, 1 tira apresentou ambiguidade de papéis temáticos. Destaca-se que, dos 29 casos de ambiguidade lexical, todos são ocorrências de polissemia, ou seja, não houve o emprego de ambiguidade por homonímia.

O perfil do leitor¹¹ do periódico Folha de São Paulo (Folha Digital ou Folha Online) é formado em maioria por pessoas da classe econômica B, com predominância da faixa etária entre 35 e 44 anos, e ainda 54% dos leitores são do sexo masculino e 46% do sexo feminino. A partir desses dados, podemos concluir que o perfil do público que acessa as tirinhas nele publicadas são em maioria adultos na faixa de 35 a 44 anos. Também consideramos que o conteúdo temático presente nas tirinhas é de caráter mais adulto, isto é, a partir de 18 anos, já que apresenta uma temática bastante específica, em maioria relacionada à política, críticas à sociedade, entre outros.

A totalidade das tiras coletadas que possuem ambiguidade está apresentada no Apêndice deste trabalho, seguidas da descrição da indeterminação de sentido. Embora todos os textos tenham sido descritos com foco na explicação do fenômeno de ambiguidade, para análise, nos deteremos na descrição detalhada de cinco casos de ambiguidade por polissemia, como a que pode ser identificada em (8):

(8) Palestra sobre os novos tempos



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15071186.jpeg>
Acessado em: 1 jul. 2015.

A tira em (8) é do cartunista André Dahmer, que em suas histórias satiriza as

¹¹ Disponível em: <http://www.publicidade.folha.com.br/folha/perfil_do_leitor_nacional.shtml>. Acessado em: 2 dez. 2015.

contradições do mundo e da sociedade atual. O título da tirinha, *Palestra sobre os novos tempos*, nos traz a informação temática da história, que é sobre algum tema atual, os novos tempos. A tirinha é composta por três quadrinhos em que o personagem é uma pessoa que está frente a um microfone, entendemos que é uma situação de fala pública, como nos informa o título.

No primeiro quadrinho, o personagem fala: “A inflação é uma realidade.” No segundo quadrinho, com semblante pensativo e de decepção, afirma: “Antigamente, era possível comprar três vezes mais...”, e no terceiro e último quadrinho, onde o humor aparece, finaliza a afirmação que começou no quadrinho anterior: “...deputados com uma mesma quantia.” O efeito do humor é gerado pelo uso da ambiguidade lexical por polissemia sobre o item lexical *comprar*, como explicamos a seguir.

O sentido do item lexical *comprar*, no segundo quadrinho, aciona a interpretação de *adquirir* legalmente algum produto, como produtos alimentícios, acessórios ou eletrodomésticos, isto é, relaciona-se ao poder de compra e tem valor econômico. O segundo sentido que é acionado durante a leitura do terceiro quadrinho é o de *subornar* alguém, confirmado pela composição do segundo e do terceiro quadrinhos, que antigamente era possível “comprar” três vezes mais deputados com uma mesma quantia. No caso da compra de deputados, o deputado não será comprado, mas receberá de forma ilícita o pagamento por atividades ilícitas, como se estivesse vendendo suas atividades, seus posicionamentos, seu voto, por exemplo, em favorecimento a quem o “comprou”. Temos um caso de polissemia, pois ambos os sentidos do verbo *comprar* compartilham a acepção básica de *dar dinheiro a alguém em troca de algo*, ou seja, permanece uma conotação monetária. Pode-se dar dinheiro a alguém em troca de produtos alimentícios, em um caso de compras no supermercado, por exemplo, ou, pode-se dar dinheiro a um deputado em troca de privilégios em uma licitação, nesse caso, o suborno.

Ainda percebemos que, no texto, o autor faz uma crítica à inflação, que nos últimos tempos só vem aumentando e sente-se cada vez mais as consequências desse aumento no dia a dia; também faz crítica à corrupção política, outro problema bastante recorrente no país. Ambas estão relacionadas e essa relação é feita de modo cômico, utilizando-se a polissemia de *comprar*.

Com isso, podemos considerar que o autor lança mão da polissemia para construir o propósito comunicativo dessa tirinha, pois o uso desse fenômeno contribui para a compreensão do texto, sendo que a ambiguidade do item lexical *comprar* é determinante para causar o efeito de humor objetivado por meio da sátira. Nesse caso, consideramos a polissemia como

pertencente ao nível microestrutural do texto e as questões temáticas mais abrangentes (corrupção política, inflação) como pertencentes ao nível macroestrutural.

Passemos à descrição do próximo texto:

(9) Chiclete com banana



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15077286.jpeg>
Acessado em: 2 jul. 2015.

A tira apresentada em (9) faz parte da série de tiras *Chiclete com banana*, do autor Arnaldo Angeli Filho, mais conhecido como Angeli. Nessa tirinha, a expressão ambígua não está escrita, mas é interpretada pela interação das linguagens verbal e não-verbal. No primeiro quadrinho, a personagem está segurando um cabide em frente ao guarda-roupas enquanto fala ao telefone. No segundo quadrinho, a personagem permanece segurando o cabide e falando ao telefone. Por fim, no terceiro quadrinho, a personagem está pendurada no cabide, como se fosse uma peça de roupa.

Nessa tira, a expressão ambígua “estar/ficar pendurado” não está escrita, mas inferimos o sentido da expressão pelos elementos não-verbais. Conforme afirma Borges (2001), a imagem nos quadrinhos, assumindo o papel de linguagem, pode ser interpretada e adquirir sentidos dentro do contexto social em que se encontra inserida. É o que ocorre na tirinha descrita em (9), em que a expressão não está escrita, mas em que a imagem assume papel de linguagem e a união de ambas as linguagens (verbal e não-verbal) forma a mensagem global.

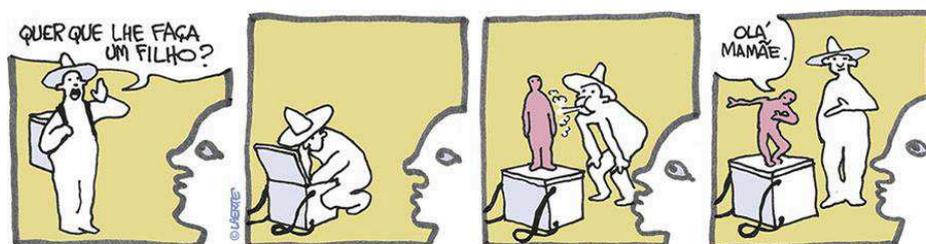
Sabemos que, por absurdo, a mulher não pode literalmente estar pendurada no cabide, mas que está pendurada ao telefone, primeiramente porque, em sua primeira fala “Caixa postal de novo, Alex? Ligue para mim.”, inferimos que ela já está ligando há algum tempo, percebemos na reiteração *de novo* os primeiros indícios da expressão “estar pendurado”. A personagem continua sua fala no segundo quadrinho, “Quero entender algumas coisas sobre você, sobre nós...” “Me ligue assim que pegar esse recado.” No terceiro quadrinho, a personagem fala: “Vou ficar aguardando”, e na imagem, ela está pendurada no cabide.

Nesse caso, interpretamos o texto a partir da interação dos textos verbal e não-verbal.

Temos um caso de ambiguidade polissêmica porque acionamos um primeiro sentido para a expressão “estar pendurado” pela imagem em que a personagem está *pendurada no cabide*, como se fosse uma roupa. O segundo sentido acionamos pela fala da personagem, que no terceiro quadrinho afirma que ficará *aguardando a ligação* (de alguém que não atende nem retorna o chamado telefônico). Os dois sentidos apresentam a acepção básica de “ficar aguardando”, como *uma roupa que fica pendurada no cabide aguardando o momento para ser usada*, ou *uma pessoa que fica aguardando uma ligação pendurada ao telefone*.¹²

Podemos evidenciar que a linguagem híbrida foi fundamental para a construção do propósito comunicativo objetivado pelo autor e essa linguagem se estabelece por elementos microestruturais. A ambiguidade por polissemia não está explícita em um item lexical, mas é inferida pelos aspectos micro e macroestruturais de ordem linguística e imagética do texto. Fica explícito que ambas as linguagens, solidariamente, são responsáveis pela construção do sentido. Também consideramos que a polissemia é parte do nível microestrutural do texto, pois o uso desse fenômeno, fundamental para construir o efeito de sentido proposto, só foi possível pela construção imagética do terceiro quadrinho. Caso semelhante está em (10), onde o hibridismo também é fundamental para a compreensão da história:

(10) Piratas do Tietê



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15071185.jpeg>
Acessado em: 1 jul. 2015.

A tira em (10) faz parte da série *Piratas do Tietê*, do cartunista Laerte. A tira é composta por quatro quadrinhos, sendo que a ambiguidade lexical aparece logo no primeiro. A personagem, com uma espécie de mochila nas costas, pergunta para a outra personagem que está visualizando a cena, sem nenhuma reação aparente, “Quer que eu lhe faça um filho?”. Ao fazermos a leitura do primeiro quadrinho, interpretamos o sentido de *faça* (*flexão de fazer*)

¹² Ainda no contexto do telefone, há um terceiro sentido, o de alguém que passa muito tempo falando ao telefone, que fala por uma ou duas horas seguidas, por exemplo. Consideramos essa acepção como sendo a mais comum à expressão “estar pendurado” ao telefone.

como o sentido de *conceber uma criança por meio de relação sexual entre homem e mulher*. No segundo quadrinho, o personagem tira a mochila das costas, no terceiro, *faz* um boneco, este que, no último quadrinho, chama por mamãe a personagem que estava observando tudo.

Como já dissemos, o primeiro sentido da palavra *faça* (*flexão de fazer*), no primeiro quadrinho, está em *conceber uma criança por meio de relação sexual entre homem e mulher*. Já no terceiro quadrinho, vemos pelas imagens que o personagem constrói um “boneco”, que no último quadrinho ganha vida, nesse caso, o sentido do verbo *fazer* está em *construir alguma coisa*. É caso de ambiguidade lexical polissêmica, pois, em ambos os casos, há acepção básica de *provocar a existência de algo* e o verbo *fazer* é empregado como verbo de criação em ambas as acepções.

O verbo *fazer* no português brasileiro apresenta essas possibilidades de interpretação por ser altamente polissêmico. *Fazer com referência a conceber uma criança por meio de relação sexual entre homem e mulher* é uma expressão coloquial corriqueira e, em (10), contribui para o efeito de humor ao ser acionada por uma ambiguidade que resulta da interação de dois elementos microestruturais: o emprego do próprio item lexical polissêmico *fazer* e a interação entre as linguagens verbal e não-verbal que constituem a tira.

O autor utiliza das linguagens verbal e não-verbal para provocar o efeito de humor, o verbal com base no verbo polissêmico, e o não-verbal pelas imagens que enfatizam e levam o leitor a selecionar o sentido que ele deseja atribuir ao verbo. Podemos, então, considerar que a polissemia faz parte do nível microestrutural do texto, pois é responsável por criar a possibilidade de dupla interpretação, ancorada em elementos particularizantes de cada quadro. Passemos à tira em (11):

(11) As novas assombrações de Bifaland



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15061201.jpeg>
Acessado em: 30 jun. 2015.

A tirinha apresentada em (11) é do cartunista Allan Sieber, da série *As novas*

assombrações de Bifaland. Essa tira aborda a temática do alpinista social, aquela pessoa que faz de tudo para subir na vida, custe o que custar, mas que, ao chegar onde almejava, viu-se com medo.

O personagem é um jovem que não mediu esforços para obter sucesso, como ele mesmo diz na sua primeira fala: “Dei tanta rasteira, puxei o saco de tanta gente...”. A sua cara de espanto nos leva a crer que ele está com medo de algo, o que se confirma pela fala: “Cheguei lá, mas... E AGORA??”. Por fim, temos a legenda com a inscrição: O ALPINISTA SOCIAL COM MEDO DE ALTURA!. Todos esses elementos de ordem microestrutural nos levam à compreensão do texto e de seu propósito, que difere dos casos já analisados, por mobilizar a interação entre duas expressões. Também, a legenda foi decisiva para a efetiva compreensão do propósito comunicativo objetivado pelo autor, já que ela tem a função de “explicar” a expressão de medo e a fala do personagem, entre outros

Há caso de ambiguidade lexical polissêmica incidindo sobre o item lexical *alpinista*. O primeiro sentido do item lexical está em *alpinista praticante de alpinismo*, ou seja, a pessoa que pratica o esporte, que escala montanhas altas etc. O segundo sentido da palavra está em *alpinista social* (da carreira profissional, das classes sociais), a pessoa que busca estar sempre no “topo” social, faz de tudo para ter ascensão social e “subir na vida”. Ambos os sentidos se relacionam pela acepção básica de *chegar ao topo*, como o alpinista que escala montanhas para chegar ao topo delas, e o alpinista social que faz de tudo para subir na vida e chegar ao topo. Também há a presença do item lexical *altura* que é complementar ao sentido de *alpinista* e cuja significação também é polissêmica. Altura apresenta um primeiro sentido de lugar alto, como o topo de uma montanha por exemplo. Também apresenta um segundo sentido, o elevação social, e ambos os sentidos compartilham a acepção básica de lugar elevado. Lugar elevado como o topo de uma montanha, ou lugar elevado referente a posição social.

Observamos ainda que, na expressão (O ALPINISTA SOCIAL COM MEDO DE ALTURA!), há uma aparente contradição, pois não deveria existir um alpinista com medo de altura, já que sua meta é atingir o ponto mais alto (tanto no caso do esportista quanto no caso do alpinista social, como indivíduo determinado e movido pela ambição). O autor usa da polissemia sobre o item lexical *alpinista* em complementariedade com item lexical *altura* como recurso para alcançar o efeito de humor irônico pretendido. Portanto, consideramos a polissemia de (11) também como pertencente à microestrutura do texto, já que mais uma vez ela se estrutura pela relação entre elementos sintagmaticamente arranjados para este propósito.

Seguindo nossa análise, acompanhemos o caso de (12):

(12) A vida como ela yeah



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15075216.jpeg>
Acessado em: 2 jul. 2015.

A tirinha apresentada em (12) é do cartunista Adão Iturrusgarai e também pertence a uma série publicada regularmente no jornal Folha Online. Essa tirinha é composta por três quadrinhos e tem como personagem um político que está fazendo um discurso. Essas informações sobre ser um político e a atividade que se realiza não estão explícitas no texto, mas são inferíveis pelas imagens e pela fala característica de discurso político: constituem a macroestrutura por fazerem parte da coerência global do texto.

Nessa tira, há um caso de ambiguidade lexical, em que o sentido ambíguo está sobre o item lexical *memória*. No primeiro quadrinho, o personagem faz a seguinte afirmação: “O povo brasileiro não tem memória!!”, aqui percebemos que ele está referindo-se à memória no sentido de *memória coletiva acerca do patrimônio histórico e cultural de um povo*. Após isso, no segundo quadrinho, ele faz uma pausa, enquanto é aplaudido por quem está lhe ouvindo, os sinais gráficos e linguísticos sinalizam as palmas: “palma, palma, palma”. No terceiro quadrinho, depois da pausa que o personagem faz, ele esquece em que ponto de seu discurso parou, e faz o seguinte questionamento: “Onde eu estava mesmo?”, isto é, ele tem seu discurso afetado por um problema de memória. Nesse caso, aciona-se um segundo sentido, o de *memória enquanto faculdade de conservar e lembrar estados de consciência*, o que, evidentemente, para o personagem, faz falta, já que se esqueceu do que estava falando em plena atividade discursiva.

Observamos que há dois sentidos relacionados para o item lexical memória, caracterizando, assim, caso de ambiguidade por polissemia. Os dois significados do item lexical *memória* compartilham a acepção básica de *armazenar informações (cognitivamente ou historicamente)*. Informações que são parte do patrimônio cultural do povo brasileiro, ou informações acerca do que o personagem estava falando no momento, mas esqueceu. E, como nos casos anteriores, a polissemia é um elemento pertencente ao nível microestrutural do texto, pois é desencadeada por elementos sintagmáticos, responsáveis pela ambiguidade presente no texto, que desencadeia o humor na tira.

Os casos analisados reforçam o que Antunes (1996) afirma acerca das exigências de continuidade impostas pela organização do texto. É o que ocorre nos casos em que a polissemia é utilizada, pois, conforme a autora, o que se enuncia num dado momento prepara o que vai ser enunciado em seguida, caracterizando a prospecção do texto. Isso ocorre nos textos analisados¹³, pois primeiramente o autor de cada tira lança um sentido para a palavra ambígua e, em outro quadro, aciona um segundo sentido para a mesma palavra, e esse efeito é gerado a partir do jogo de linguagem realizado pelo uso da ambiguidade ‘polissêmica’ e da interação entre as linguagens verbal e não-verbal.

4 Considerações Finais

Neste trabalho, buscamos analisar o uso da linguagem ambígua e a ocorrência dos fenômenos homonímia e polissemia em textos do gênero tirinha. Nas análises realizadas foram encontrados apenas casos de polissemia, em todos os textos coletados, e nenhum caso de homonímia. Posto isso, as hipóteses levantadas inicialmente se confirmaram: a primeira de que o cunho humorístico e a associação entre linguagem verbal e não-verbal permitem ao gênero tirinha apresentar um contexto bastante propício ao aparecimento da ambiguidade lexical como recurso para a produção de efeitos de sentido; e a hipótese complementar de que, na maioria dos casos, a ambiguidade lexical seria polissêmica, tendo em vista o fato de a polissemia ser um tipo de ambiguidade complementar, o que favorece seu emprego em certos jogos de linguagem, diferentemente da homonímia, que é um tipo de ambiguidade contrastiva – sobre a hipótese complementar, em verdade, a polissemia não ocorreu apenas na maioria dos casos, mas na totalidade, como já apresentamos.

Também, evidenciamos aspectos microestruturais de natureza semântica que, nesse caso, são constitutivos do gênero e, como elementos pertencentes à microestrutura do texto, são acionados em textos do gênero tirinha como recurso para o estabelecimento do efeito de humor (esse recurso, a polissemia, esteve presente em 29 dos 30 casos de humor por ambiguidade, o que é muito representativo). A análise constatou que, embora aspectos macroestruturais das tiras colaborem para a construção da coerência global (como características psicológicas de personagens e informações da narrativa sequencial de tiras de uma mesma série), existem fatores semânticos, pertencentes à microestrutura, dos quais também se lança mão com

¹³ Na tira descrita em (9) a expressão ambígua não está escrita, mas a exigência de continuidade é seguida pelas imagens juntamente com o material linguístico, ambas necessárias para a interpretação do sentido ambíguo. Em (11) a palavra ambígua aparece no último quadrinho, mas o sentido é acionado já no primeiro quadrinho, pelos elementos microestruturais que denotam o medo e o desespero do personagem.

frequência para o estabelecimento do efeito cômico.

No processo de análise, percebemos que, o efeito de humor é gerado preponderantemente a partir da ambiguidade lexical por polissemia, e que o uso da linguagem verbal e não-verbal foi de fundamental importância para a compreensão das narrativas e estabelecimento das ambiguidades, pois o uso do hibridismo foi o responsável por representar a relação polissêmica existente entre a palavra (sinal gráfico) e o desenho, principalmente em (9), em que a ambiguidade fundamenta-se principalmente sobre o não-verbal.

A ambiguidade lexical por polissemia se apresenta como recurso bastante efetivo, por possibilitar que um conhecimento linguístico estruturado acerca de fenômenos linguísticos específicos instaure um contexto de aparente equívoco de linguagem, do qual decorre a quebra de expectativa (como visto em (8): “Antigamente era possível comprar três vezes mais...”) e a pluralidade de sentidos que nem sempre precisa ser eliminada na tira (como ocorre com o verbo *fazer* descrito em (10)).

Com isso, queremos sustentar que o contexto narrativo próprio da tira e todos os recursos que caracterizam a produção desse gênero favorecem o emprego da polissemia como recurso de humor. Assim, esse fenômeno que se instaura em nível microestrutural é um importante elemento para a construção da coerência global de tirinhas em que é empregado e está relacionado à macroestrutura, embora pertença à microestrutura e, em muitos contextos, o leitor pode até mesmo desconhecer informações macroestruturais que são acionadas no texto e, mesmo assim, compreender o efeito de humor por ter um conhecimento semântico específico que o permite interpretar a polissemia em jogo.

A nossa pesquisa apresentou resultados bastante contundentes, pois, como afirmamos, não há trabalhos realizados acerca da ambiguidade lexical em textos do gênero que investigamos. Ainda, nos proporcionou visualizar que outros trabalhos se fazem necessários para melhor entendimento dos fenômenos de indeterminação de sentido nas tirinhas, e que outros passos podem ser dados acerca desse assunto, principalmente pelo fato de a polissemia se sobressair como recurso gerador de humor no gênero estudado e pelo fato de não termos tido a possibilidade de contrastá-la com a homonímia (já que não houve ocorrências de homonímia no recorte de análise).

Referências

ANTUNES, Irandé Costa. **Aspectos da coesão do texto: uma análise em editoriais jornalísticos.** Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=fRjIzrgS7_8C&pg=PA35&dq=aspectos+micro+e+m+macroestrutura&hl=ptBR&sa=X&ei=MDNSVYG3HYGegwTppYHwBw&ved=0CCYQ6AEw>

AA#v=onepage&q=%20macroestrutur&f=false> Acesso em: 10 de maio de 2015.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

BORGES ,Lien Ribeiro. **Quadrinhos**: literatura gráfico-visual. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano3/numero2/agaquev3n2_1.htm> Acesso em: maio de 2015.

BRONCKART. Jean-Paul. Conferência restrições e liberdade textuais, inserção social e cidadania. **Revista Anpoll 19**: "Desafios da linguagem no século XXI". Vol. 1, n. 19 (2005). Disponível em:<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/view/467>. Acessado em 28 de setembro de 2015.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica**: Noções Básicas e exercícios / Márcia Cançado. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008

FERRAZ, M. M. T.. Homonímia ou polissemia? Contribuições da semântica lexical para a organização de dicionários. In: Magdiel Medeiros Aragão Neto, Morgana Fabíola Cambrussi (org).1 Ed. *Léxico e gramática*: novos estudos de interface. Curitiba, PR: CRV, 2014. p.123-141.

ILARI, Rodolfo, 1943 – **Semântica** / Rodolfo Ilari , João Wanderley Geraldi. – 11. ed. – São Paulo: Ática, 2006 96p. – (Princípios ; 8)

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender**: os sentidos do texto / Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria Elias. - São Paulo: Contexto, 2009a.

_____. **Ler e Escrever**: estratégias de produção textual / Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria Elias. - São Paulo: Contexto, 2009b.

LISBOA, Jussara Pedroso. **Conhecimento da superestrutura argumentativa e compreensão leitora de universitários**. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/vsemanaletas/Artigos%20e%20Notas_PDF/Jussara%20Pedroso%20Lisboa.pdf>. Acesso em: 10 de abril de 2015.

MARCOLIN, Paula; MATTOS, Gilson. **Aspectos macro e microestruturais do gênero artigo científico da área Econometria: um estudo exploratório**. In: Salão de Iniciação Científica (21: 2009 out. 19-23 : Porto Alegre, RS). Livro de resumos. Porto Alegre: UFRGS,2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/textecc/textquim/arquivos/Paula.pdf>> acesso em: 14 de abril de 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: _____. **Gêneros textuais**: constituição e práticas sociodiscursivas. São Paulo: Cortez, 2010.

MOTERANI, Natália Gonçalves; MENEGASSI Renilson José. **O conteúdo temático no gênero discursivo tiras em quadrinhos**. Disponível em:<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/viewFile/9536/9536>> Acesso em: 4 de abril de 2015.

PESSOA, Alberto Ricardo; MAIA Gisele Gomes. As tirinhas como ferramenta de estudo da linguagem oral. **Revista Temática**, Ano VIII, n. 04 – Abril/2012, 2012. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2012/abril/tirinhas_linguagem_oral.pdf. Acesso em: maio de 2015

RAMOS, Paulo Eduardo. **Histórias em quadrinhos**: gênero ou hipergênero? Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_28.pdf> Acessado em: maio de 2015.

_____. **Tiras cômicas e piadas:** duas leituras, um efeito de humor. 2007. 421f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Jane Quintiliano G. **gênero discursivo e tipo textual.** Disponível em: <http://www.pucminas.br/imagdb/documento/doc_dsc_nome_arqui20120831132614.pdf> acessado em: 11 de maio de 2015.

DA SILVA, Eliana dos Santos. DA SILVA, Geraldo José. **Aspectos microestruturais em textos dissertativos universitários:** o uso dos operadores argumentativos na construção textual. Disponível em: <<file:///c:/users/estudante/downloads/2097-4520-1-pb.pdf>> acesso em: maio de 2015.

APÊNDICE

As tirinhas que constituem o material de análise foram extraídas do periódico Folha Online, sendo que sua escolha seguiu o critério inicial de seleção, que estava baseado no aparecimento ou não de ambiguidade para produção de efeito de humor e, dos casos de ambiguidade, foram selecionados aqueles que são de ordem lexical (polissemia ou homonímia). Foram coletadas todas as tirinhas publicadas durante o mês de março de 2015; o total no mês foi de 208 tirinhas e, destas, 13 repetiram em determinados dias. Além disso, em dois dias ao longo do mês, não houve nenhuma publicação. No que tange à ambiguidade, 30 tirinhas apresentam o fenômeno, sendo que, destas, 28 apresentam ambiguidade lexical, 1 apresenta ambiguidade lexical e referencial, e ainda, 1 tirinha apresenta ambiguidade de papéis temáticos. A seguir, são apresentadas todas as tirinhas com ambiguidade, seguidas da descrição de indeterminação de sentido.

Ambiguidade lexical



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15057790.jpeg>

Acessado em: 30 jun. 2015.

Item ambíguo: mão

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: O primeiro sentido da palavra *mão* está na fala da personagem, quando afirma: “preciso mesmo da minha mão”, nessa fala o sentido é de que ela precisa de sua mão, ou seja, ela está sem a mão, como vemos na imagem do terceiro quadrinho. O segundo sentido, inferimos que a personagem deu uma mão para o outro personagem que está na função de atendente. Nesse caso, o sentido de *ajuda* é inferido, ela “deu uma mão para o personagem”, uma ajuda, só que ele ficou com a mão dela de fato.

É ambiguidade polissêmica, pois os dois significados do item lexical compartilham a acepção básica de *auxiliar ou ajudar*, pois as mãos são os *membros que nos auxiliam no nosso dia a dia em quase tudo o que fazemos*, e a expressão “dar uma mão” apresenta o sentido de *prestar*

auxílio ou ajuda a alguém.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15061202.jpeg>

Acessado em: 30 jun. 2015.

Itens ambíguos: receitas e coquetel

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: Os itens lexicais *coquetel* e *receitas* são complementares entre si. O primeiro sentido da palavra *coquetel* refere-se a um coquetel de remédios, ou seja, *combinação de medicamentos*. Também há o segundo sentido de *drinque alcoólico*. Já na palavra *receitas*, o primeiro sentido refere-se ao *documento médico, prescrição dada pelo médico ao paciente para a compra de medicação*, e o segundo sentido refere-se à *troca de receitas de coquetéis*. Temos a acepção básica de *conjunto de orientações a seguir*, como na *receita de um coquetel* por exemplo, em que os “ingredientes” são indicados e devem ser seguidos, ou de uma *receita médica*, com os medicamentos que a personagem usar.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15061200.jpeg>

Acessado em: 30 jun. de 2015.

Item ambíguo: “bicho solto”

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: Ao fazermos a leitura, vemos que se trata de uma praia de nudismo, pois todos os personagens estão sem roupas. O primeiro sentido da expressão “*bicho*

solto” é o de *animal solto/livre*. No segundo sentido, a expressão “*bicho solto*” faz referência à *genitália masculina que fica “solta” quando o homem está sem roupa*, e como sabemos, trata-se de uma praia de nudismo. Ambos os sentidos apresentam a acepção básica de algo que está *livre ou desprendido*.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15061201.jpeg>
Acessado em: 30 junho de 2015.

Item ambíguo: alpinista

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: O primeiro sentido do item lexical está em *alpinista praticante de alpinismo*, ou seja, a pessoa que pratica o esporte, que escala montanhas altas etc. O segundo sentido da palavra está em *alpinista social*, a pessoa que busca estar sempre no topo, faz de tudo para ter ascensão social e subir na vida. Ambos os sentidos se relacionam pela acepção básica de *chegar ao topo*, como o alpinista que escala montanhas para chegar ao topo, e o alpinista social que faz de tudo para subir na vida e chegar ao topo. Também há a presença do item lexical *altura* que é complementar ao sentido de *alpinista*. Observamos que, na expressão (O alpinista social com medo de altura!), há incoerência de sentidos, pois não poderia existir um alpinista com medo de altura, já que sua meta é atingir o ponto mais alto (tanto no caso do esportista quanto no caso do alpinista social, como indivíduo determinado e movido pela ambição).



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15062258.jpeg>
 Acessado em: 30 junho de 2015.

Item ambíguo: bola

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: O primeiro sentido do item lexical *bola* é o de *objeto arredondado ou oval* que se usa para praticar esportes. O segundo sentido de bola está em *drogas*, pois se sabe que bola é uma gíria utilizada para se referir a comprimidos entorpecentes, sendo que a palavra *bola* faz referência aos medicamentos que as personagens utilizam. É ambiguidade lexical polissêmica, pois ambos os sentido compartilham a acepção básica de *objeto arredondado*, tanto no caso de *medicamentos* como de *bola usada na prática de esportes*.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15062264.jpeg>
 Acessado em: 30 junho de 2015.

Item ambíguo: dando

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: Na fala da mulher, (Estava dando aula!) tem-se o sentido de *ministrar aulas*. O segundo sentido, na fala do Homem-Legenda, é de *manter relação sexual extraconjugal* (Estava dando!). *Dar* é uma expressão popularmente conhecida para referir-se à prática sexual, com conotação vulgar. O tipo de ambiguidade lexical é polissêmica, pois ambos os significados possuem o sentido comum de *oferecer, proporcionar ou entregar alguma coisa a alguém*.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15077280.jpeg>
 Acessado em: 2 julho de 2015.

Item ambíguo: branca

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: Nesse caso, a ambiguidade lexical está na palavra *branca*. O primeiro sentido da palavra *branca*, relaciona-se à *cor ou raça, designação étnica*. O segundo sentido está na expressão *cores* (colors), que aparece escrita, no terceiro quadrinho, na capa da revista em que o personagem está lendo. A expressão *cores* (colors), depreendemos que se refere à *cartela de cores*, ou seja, aos tons de cores (que podem ser vermelho escuro, vermelho claro, vinho) pela afirmação do personagem: (... A elite 50% amarelo, 30% magenta!). Os dois sentidos estão relacionados pela acepção básica de *tonalidade de cores*, o que caracteriza a ambiguidade polissêmica. No primeiro caso, *branca* se refere à *cor/tonalidade da pele* que referindo-se à raça das pessoas, ou no caso de amarelo e magenta, que referindo-se à tonalidade das cores (das pessoas).



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15064347.jpeg>
 Acessado em: 30 junho de 2015.

Item ambíguo: pequenas

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia e ambiguidade referencial

Descrição da ambiguidade lexical: Nessa tirinha, a ambiguidade está no item lexical *pequenas*. O primeiro sentido de pequenas faz referência ao “problema” que apareceu no órgão do homem, como sendo um problema menor ou sem grande importância. Em um segundo sentido, refere-se ao tamanho do órgão do homem, que este seja pequeno. É caso de ambiguidade lexical polissêmica, pois os dois significados compartilham a acepção básica de *qualquer coisa menor, em tamanho ou em grau de importância*.

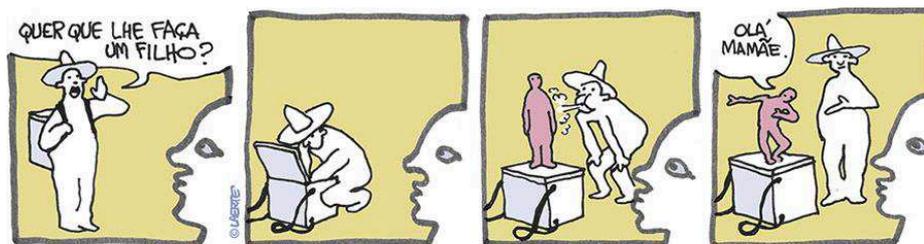


Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15064351.jpeg>
Acessado em: 30 junho de 2015.

Item ambíguo: gostosa

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: O primeiro sentido é o *de gostoso ao paladar*, que tem gosto bom, saboroso. A irmã do personagem é gostosa por ser parecida com um hambúrguer, porque o hambúrguer é gostoso. O segundo sentido da palavra é o *de atraente, agradável de se ver*, mulher bonita, de corpo atraente. É caso de ambiguidade lexical polissêmica, pois os dois significados da palavra *gostosa* compartilham a acepção básica de *algo que dá prazer*, como no caso do hambúrguer que dá prazer ao paladar e no caso da mulher, que dá prazer aos olhos, é atraente.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15071185.jpeg>
 Acessado em: 1 julho de 2015.

Item ambíguo: faça (fazer)

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: O primeiro sentido da palavra *faça* (*flexão de fazer*), no primeiro quadrinho, está em *conceber uma criança através de relação sexual entre homem e mulher*. Já no terceiro quadrinho, vemos que o personagem faz um “boneco”, que no último quadrinho chama a personagem de mamãe, nesse caso o sentido da palavra está em *construir alguma coisa*. É ambiguidade lexical polissêmica, pois, em ambos os casos, há aceção básica de *provocar a existência de algo*.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/1506887.jpeg>
 Acessado em: 30 jun. de 2015.

Item ambíguo: erectus

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: O primeiro sentido de *erectus* é o de homem com ereção. O segundo sentido está em “homo *erectus*” no sentido de fase da evolução humana em que o homem não tinha se desenvolvido tanto e ainda se preocupava com questões de sobrevivência, como a reprodução da espécie. Ambos os sentidos compartilham a acepção básica de *disposição para a prática sexual*. No primeiro sentido, refere-se à ereção do órgão masculino (excitação do homem) para a prática sexual, e no segundo, refere-se à necessidade da prática sexual para a sobrevivência da espécie.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15071187.jpeg>
Acessado em: 1 julho de 2015.

Item ambíguo: transformar

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: O item lexical *transformar* apresenta mais de um sentido. O primeiro sentido, no primeiro quadrinho, é o *dar nova forma*, no caso, dar ao personagem a forma de um cachorro. O segundo sentido é o de transformar sem mudar a forma, mas *mudar o comportamento*. O fato do menino correr para pegar a varinha, a partir da ordem (Pega!!), caracteriza-o como um cachorro, pois os cachorros correm para buscar varetas ou bolinhas a partir de tal ordem. Ambos os sentidos apresentam a acepção básica de *alterar ou modificar um estado ou condição*.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15071186.jpeg>
 Acessado em: 1 julho de 2015.

Item ambíguo: comprar

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: O primeiro sentido do item lexical *comprar* é o de *adquirir* legalmente algum produto, como comidas, acessórios ou eletrodomésticos. O segundo é o sentido de *subornar* alguém, como o personagem afirma que antigamente era possível comprar mais deputados com uma mesma quantia. No caso da compra de deputados, o deputado não será comprado, mas receberá de forma ilícita o pagamento por atividades ilícitas como se estivesse vendendo duas atividades, seus posicionamentos, seu voto, por exemplo. Temos um caso de polissemia, pois há mais de um sentido em uma única forma, com a acepção básica de *dar dinheiro a alguém em troca de algo*.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15075216.jpeg>
 Acessado em: 2 jul. 2015.

Item ambíguo: memória

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: O personagem, ao afirmar que o povo brasileiro não tem memória, num primeiro momento, refere-se à memória no sentido de *patrimônio histórico e cultural do povo*. No terceiro quadrinho, depois da pausa que o personagem faz, ele esquece

em que ponto de seu discurso parou, nesse caso, temos um segundo sentido, o de *faculdade de conservar e lembrar estados de consciência*. Os dois significados do item lexical *memória* compartilham a acepção básica de *armazenar informações cognitivamente*. Informações que são parte do patrimônio cultural do povo brasileiro, suas, ou informações acerca do que o personagem estava falando no momento e esqueceu.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15075220.jpeg>
Acessado em: 2 jul. de 2015.

Item ambíguo: crença

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: Nesse caso, a ambiguidade está no item lexical *crença*, que no primeiro quadrinho tem o sentido de *confiar em alguém*, como em uma figura masculina, afirma o personagem. No terceiro quadrinho, o personagem, ao referir-se ao duende como figura digna de crença, apresenta um segundo sentido ao item lexical *crença* que é da *crença na existência de uma entidade ou fenômeno*. É ambiguidade lexical polissêmica, pois os sentidos compartilham a acepção básica de *acreditar em algo/alguém*.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15076334.jpeg>
Acessado em: 2 jul. de 2015.

Item ambíguo: cortar

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: Observamos, na tirinha, o sentido de *cortar para dispensar funcionários* quando o personagem pergunta, no primeiro quadrinho (Corte de funcionários?), e também um segundo sentido, o de *cortar parte do corpo* quando, no terceiro quadrinho, o mesmo personagem afirma (Eu vomito quando vejo sangue!). Percebemos, pois, que em ambos os sentidos os itens lexicais ambíguos compartilham a acepção básica de *desencadear rompimento de algo com ou sem separação de partes*.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15076327.jpeg>
Acessado em: 2 jul. de 2015.

Itens ambíguos: esquerda e direita

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: Nesse caso, a ambiguidade lexical está presente nas palavras *esquerda* e *direita*. Essas palavras, *esquerda* e *direita*, principalmente ao serem pronunciadas juntas, nos trazem à mente os *termos político-ideológicos*, ser de esquerda ou de direita como ordenação política etc., entretanto, o personagem refere-se à *troca de mãos durante o ato de onanismo* (Cansei da esquerda... ...agora vou um pouco de direita!). Ambos sentidos compartilham a acepção básica de *oposição*, tanto em *trocar de mãos durante o ato de onanismo*, como no sentido das *ideologias políticas*, ser da posição esquerda ou da posição direita: ocorre uma ordenação espacial, mão esquerda ou mão direita, ou uma ordenação política, ser socialista ou ser conservador, ou seja, ser da esquerda ou da direita, respectivamente.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15076332.jpeg>
 Acessado em: 2 jul. de 2015.

Item ambíguo: valor

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: No primeiro quadrinho, o sentido do item lexical *valor* é de *valor monetário*, pois o personagem fala sobre o dinheiro, que tanto no formato de cédulas como no de moedas, é emitido pelo governo de cada país e que se utiliza como modo de pagamento (Só amo o dinheiro, a única coisa que realmente tem valor.). Já no terceiro quadrinho, onde o personagem refere-se à sua mãe, tem-se o sentido de *algo importante para alguém* (Ainda não mandei avaliar (a mãe)), ou seja, ele não sabe qual o valor da sua mãe, Nesse caso, especificamente, o personagem não sabe o *valor* de sua mãe (em dinheiro), pois ainda não a mandou para avaliação de seu *valor* (monetário), por isso não pode dizer se a ama ou não. É um caso de polissemia, pois os dois sentidos da palavra *valor* apresentam a acepção básica de *qualidade que confere a algo ou alguém*, nesse caso ao dinheiro, ou à própria mãe.

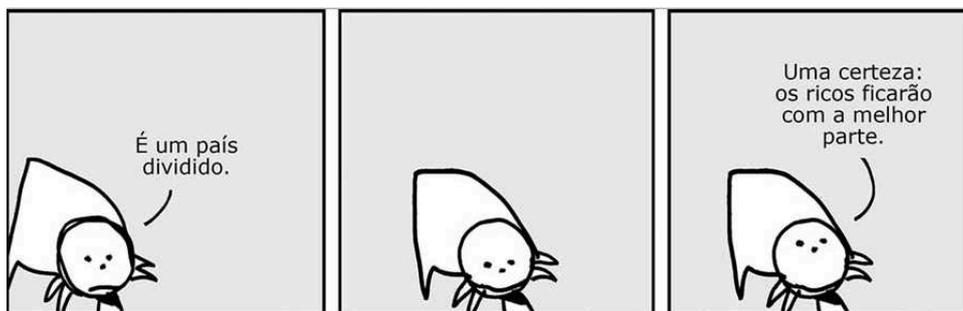


Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15077286.jpeg>
 Acessado em: 2 jul. 2015.

Item ambíguo: “estar pendurado”

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: Nessa tira, a expressão ambígua “estar pendurado” não está escrita, mas inferimos o sentido da expressão pelo não-verbal. O primeiro sentido da expressão “estar pendurado” depreendemos nas imagens em que *a mulher está pendurada no cabide* como se fosse uma roupa. O segundo sentido está na personagem, que no terceiro quadrinho fala que *ficará aguardando a ligação de alguém* (que não atende nem retorna a ligação). Os dois sentidos apresentam a acepção básica de “ficar aguardando”, como *uma roupa que fica pendurada no cabide aguardando o momento para ser usada*, ou *uma pessoa que fica aguardando uma ligação pendurada ao telefone*.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15078614.jpeg>
Acessado em: 2 jul. 2015.

Item ambíguo: dividido

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: Nessa tirinha, a ambiguidade está no item lexical *dividir*. No primeiro quadrinho inferimos o sentido de país *desunido* pela fala do personagem (É um país dividido.). No último quadrinho, o sentido é de que o país está *separado em partes*, e uma das partes é melhor do que a outra. Podemos atribuir diferentes significados ao item lexical *dividir*, e esses significados apresentam a acepção básica de *partir/separar em partes*, como dividir o país desunindo-o, ou separando-o em partes, uma maior, outra menor, etc.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15072767.jpeg>
 Acessado em: 2 jul. 2015.

Item ambíguo: doces

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: O primeiro sentido da palavra *doces* é de algo agradável, que causa uma boa sensação, relativa a boas recordações. Já o segundo sentido da palavra *doces* refere-se a alimentos produzidos com açúcar (balas, pirulitos). Ambos referem-se a algum *sabor/sensação agradável*, podendo ser como no primeiro quadrinho, em que o significado está em lembranças agradáveis para a memória, ou como no segundo quadrinho, em que significado está no sabor agradável ao paladar.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15079350.jpeg>
 Acessado em: 2 jul. 2015.

Item ambíguo: melhor

Tipo de ambiguidade: lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: O item lexical *melhor* apresenta ambiguidade de sentidos, sendo que no primeiro quadrinho o sentido está em *dar o melhor de si* (O inimigo obteve o melhor de nós!), e no segundo quadrinho, o sentido está em *ser superior a outros* (Ele era o melhor de nós). Ambos significados compartilham a acepção básica de que *algo é superior ao que lhe é comparado*. No caso de *dar o melhor de si*, o significado está em se esforçar ao

máximo para vencer o inimigo, e em *ser superior a outros*, o significado está em Olaf ser o melhor lutador dentre todos.

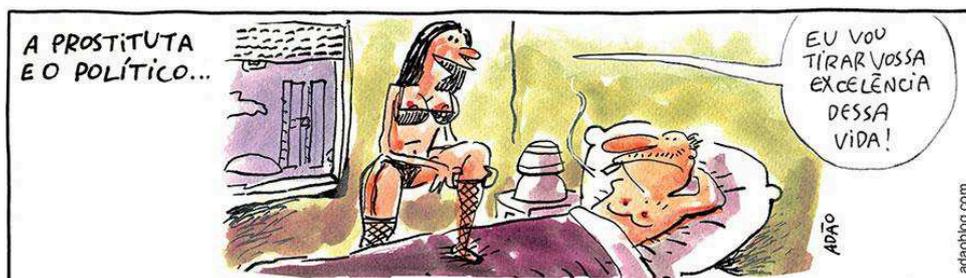


Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15080226.jpeg>
Acessado em: 2 jul. 2015.

Item ambíguo: maior e medindo (flexão do verbo medir)

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: Quando a personagem afirma que está *medindo* as palavras, nos vem à mente o sentido de *mensurar matematicamente*. E, ao fazermos a leitura completa do texto, depreendemos que a personagem não está se referindo à medida matemática da palavra, mas de medir para *avaliar, refletir sobre a intensidade ou importância da palavra*. Sabemos que amor não é a *maior* palavra que existe, mas que há outras palavras maiores do que ela, portanto o item lexical *maior* refere-se à *intensidade sentimental da palavra*. É caso de ambiguidade polissêmica, porque os dois significados da palavra compartilham a acepção básica de *algo que excede outro em quantidade, volume, extensão, intensidade ou duração*. No primeiro sentido excede no tamanho como medida matemática, e no segundo sentido excede na intensidade de sentimentos. Ambos itens lexicais são complementares entre si, pois a polissemia de *medindo* está integrada à polissemia de *maior*.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15082312.jpeg>
 Acessado em: 2 jul. 2015.

Item ambíguo: tirar

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: O item lexical *tirar* apresenta dois sentidos no texto. O primeiro sentido é de que a prostituta pretende modificar um estilo de vida, *tirar o político dessa vida para outra vida*, para que ele viva outra vida, de outra forma etc., ou em um segundo sentido, que a prostituta pretende *tirá-lo dessa vida por meio do prazer sexual*, levando-o à morte. Os dois sentidos compartilham a acepção básica de *fazer sair de um ponto ou lugar*. A prostituta pode fazê-lo modificar o estilo de vida, ou pode tirá-lo dessa vida caso ele não agüente o exercício sexual e venha a falecer, através de um enfarto por exemplo.



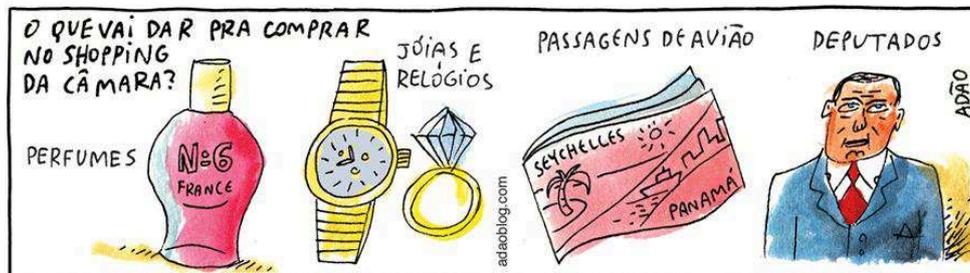
Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15084215.jpeg>
 Acessado em: 2 jul.2015.

Item ambíguo: voluntário

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: O primeiro sentido, no segundo quadrinho, refere-se à *algo que é espontâneo*, como um trabalho voluntário que se faz porque se quer. O segundo sentido é o de *não querer nada em troca* daquilo que se faz, como em um trabalho voluntário, em que alguém se dispõe a trabalhar sem receber remuneração. No segundo sentido, o que temos é que

o personagem não acredita um amor voluntário, porque em se tratando do amor, não há como ser voluntário. Ambos os sentidos compartilham a acepção básica de *algo que se faz por vontade própria e sem interesse*.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15085658.png>
Acessado em: 2 jul. 2015.

Item ambíguo: comprar

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: O item lexical *comprar*, no texto acima, apresenta ambiguidade de sentidos, sendo que o primeiro sentido é o de *adquirir algum produto*, como perfumes ou joias. O segundo é o sentido de *subornar alguém*, dar dinheiro em troca de vantagens e regalias etc. Temos um caso de polissemia com a acepção básica de *dar dinheiro a alguém em troca de algo*.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15089328.jpeg>
Acessado em: 2 jul. 2015

Item ambíguo: pessoal

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: Na primeira imagem, a personagem dá uma entrevista dizendo que sexo é algo muito *pessoal*, no sentido de *ser particular de cada indivíduo*. Já na segunda imagem, ela chama um grupo de pessoas de "pessoal", nesse caso o sentido do item

lexical *pessoal*, está referindo-se ao *conjunto de pessoas*. Os sentidos das palavras estão relacionados pela aceção comum de *ser relativo à pessoa*. No primeiro sentido, é *relativo ao indivíduo*, e no segundo, é *relativo ao grupo de indivíduos*.



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15089330.jpeg>
Acessado em: 2 jul. 2015.

Item ambíguo: conteúdo

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: Nessa tirinha, temos a imagem de uma “bunda”, sendo que é uma “bunda” de porte grande, de formas bem avantajadas, caracterizando o primeiro sentido do item lexical *conteúdo*. Também vemos que não é uma “bunda” qualquer, é uma “bunda sábia”, capaz de refletir, analisar, criticar etc., depreendemos, então, o segundo sentido do item *conteúdo*. É um caso de ambiguidade lexical polissêmica, pois a palavra *conteúdo* refere-se ao *tamanho carnal da bunda* e também à sua *intelectualidade*, e ambos os sentidos estão relacionados pela aceção básica de *conter em si o volume de alguma coisa*.



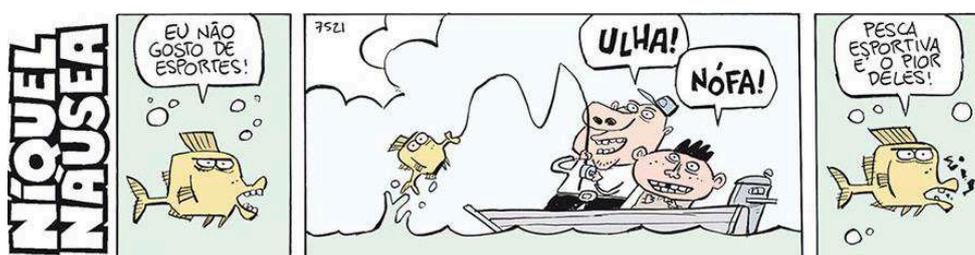
Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15089331.jpeg>
Acessado em: 2 jul. 2015.

Item ambíguo: dá (flexão do verbo dar)

Tipo de ambiguidade: ambiguidade lexical por polissemia

Descrição da ambiguidade lexical: No segundo quadrinho do texto, o sentido da palavra *dá* está em *desencadear o sentimento de esperança em alguém* (Você nos dá esperança!), ou seja, nos dá fé para seguir, continuar ou acreditar em alguma coisa. O segundo sentido de *dá* está em *ceder gratuitamente alguma coisa (... ninguém dava, vendia.)*. Ambos os sentido apresentam acepção básica de *proporcionar algo a alguém sem pedir nada em troca*, caracterizando um caso de ambiguidade lexical polissêmica.

Ambiguidade de papéis temáticos



Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15064352.jpeg>
Acessado em: 30 jun. 2015.

Item ambíguo: esportes

Tipo de ambiguidade: Ambiguidade de papéis temáticos

Descrição da ambiguidade: Nessa tira, há caso de ambiguidade de papéis temáticos que incide sobre o item lexical *esportes*. No primeiro quadrinho, o peixe fala que não gosta de esportes. No segundo quadrinho ele aparece sendo *pescado*, e no terceiro quadrinho, o peixe afirma, já de volta à água, que a pesca esportiva é o pior dos esportes, ou seja, o esporte que ele menos gosta. No que tange à pesca esportiva, os peixes são pescados e devolvidos vivos à água, como ocorre com o peixe, personagem da tirinha. Há ambiguidade de papéis temáticos, pois o item lexical *esportes* apresenta um primeiro sentido de *jogos coletivos ou individuais*, e um segundo sentido, em que *o peixe é o próprio esporte*.